



# **O Centro Liceal de Educação e Cultura: formação cívica, cultural e defesa dos direitos dos estudantes do Colégio Estadual do Ceará<sup>1</sup>**

Carolina Maria Abreu Maciel<sup>2</sup>

Recebido em: 28/12/2018  
Aprovado em: 25/01/2019

## **RESUMO**

Os anos 1930, no Brasil, mostra-se como um marco, dentro da História do Movimento Estudantil, tendo sido um período profícuo para o surgimento de importantes entidades representativas dos estudantes, como foi a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937. No Ceará, foi também nesta década que foram fundadas duas entidades de grande relevo para o movimento estudantil cearense, uma delas foi o Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC), objeto de análise neste trabalho. O CLEC, fundado em 1935, foi durante muitos anos uma das agremiações estudantis mais importantes e reconhecidas dentro do estado, pois que seus membros representavam a elite da classe dos estudantes cearenses, aqueles que faziam parte do corpo discente do Colégio Estadual do Ceará (Liceu). Este trabalho tem como objetivo analisar como se deu a criação da entidade, como se organizavam no cotidiano e, principalmente, como se deu a atuação e formação desses estudantes dentro da agremiação, que trazia como, em sua Carta Magna de fundação, suas principais funções o desenvolvimento do espírito cívico, cultural e social de seus representados. Utilizaremos como fontes de análise deste trabalho documentos oficiais da entidade, jornais publicados em Fortaleza e escritos memorialísticos.

**Palavras-chave:** Movimento estudantil. Centro Liceal de Educação e Cultura. Agremiações estudantis.

## **THE LICEAL CENTER FOR EDUCATION AND CULTURE: CIVIC, CULTURAL AND DEFENSE OF THE RIGHTS OF STUDENTS OF THE STATE COLLEGE OF CEARÁ**

## **ABSTRACT**

The year 1930 in Brazil is a milestone, within the History of the Student Movement, and it was a good period for the emergence of important representatives of students, such as the Foundation of the National Union of Students (UNE), in 1937. In Ceará, it was also in this decade that it was financed by two major entities for the student movement of Ceará, one of them was the Center for Education and Culture (CLEC), object of analysis in this work. CLEC, founded in 1935, was for many years one of the greatest students in the world, and its

<sup>1</sup> Este texto é um fragmento adaptado da pesquisa intitulada: “SER ESTUDANTE NA FORTALEZA DE 1945-1963: A CONSTRUÇÃO DE UM PERFIL ESTUDANTIL ATRAVÉS DOS DISCURSOS E DAS PRÁTICAS COTIDIANAS”, sob orientação do Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz, realizada e defendida no Mestrado Acadêmico em História – MAHIS/UECE, em 2017.

<sup>2</sup> Mestre em História e Culturas pelo Mestrado Acadêmico em História – MAHIS/UECE. Atualmente, discente do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. E-mail: [carolabreu.historia@yahoo.com.br](mailto:carolabreu.historia@yahoo.com.br) Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1791741909985266>



members represented an elite of the class of Cearenses, those that were part of the student body of the State College of Ceará (Liceu). The purpose of this paper is to analyze how the organization was created, how it was organized and, mainly, how the task of enrolling in the group course was carried out. development of the civic, cultural and social spirit of its representatives. Use of sources of information.

**Keywords:** Student movement. Liceal Center For Education and Culture. Student aggressions.

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 1930 foi profícua para o movimento estudantil brasileiro, visto que em vários estados da nação houve o surgimento de grupos estudantis e entidades com porte mais significativo do que os grêmios literários. No caso do Ceará, em 1931 foi fundado o Centro Estudantil Cearense<sup>3</sup> (CEC) e, em 21 de abril de 1935 foi a vez da criação do Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC), grupo que escolhemos para o desenvolvimento desta reflexão. O CLEC tomou o lugar do Centro Liceal de Estudos, entidade que no começo do século XX, desenvolveu atividades de cunho literário e que para além dos deveres culturais lutou pelos direitos dos estudantes do Colégio Liceu do Ceará<sup>4</sup>.

Para compreendermos a importância desse órgão estudantil para o Movimento Estudantil cearense precisamos localizar historicamente a posição que ocupava o Colégio Liceu do Ceará no ambiente educacional do Estado. Para isso, se faz necessário entender seu funcionamento, quem fazia parte do seu corpo docente, qual o programa de ensino, como os estudantes tinham acesso à escola, enfim, é inescusável esquadrihar o cotidiano escolar em que estes discentes estavam inseridos.

---

<sup>3</sup> Organização estudantil que visava agregar e responsabilizar-se da totalidade dos estudantes do Estado. Inspirada na Casa do Estudante do Brasil, o Centro Estudantil Cearense, buscou tomar à frente das lutas por direitos para os estudantes cearenses. Um exemplo das muitas empreitadas que o CEC responsabilizou-se foi a construção da Casa do Estudante, local que abrigava os estudantes do interior do Estado que vinham à capital, Fortaleza, para finalizar os estudos e não tinham condições plenas de permanência. Atualmente a Casa do Estudante permanece em funcionamento, mesmo com algumas dificuldades de manutenção. Para mais informações ver: MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *JUVENTUDE DA PÁTRIA A(R)MADA: o Centro Estudantil Cearense em Fortaleza, 1931-1945*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

<sup>4</sup> RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. *Foi Assim! O Movimento Estudantil no Ceará de 1928 a 1968*. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002. p. 64.



Desde as primeiras ações para a instalação de um Liceu no Ceará, no ano de 1843, a proposta defendida era que o Estado tivesse uma instituição de ensino que primasse por uma formação humanista. Porém, somente em setembro de 1845 que houve a efetiva regulamentação do Colégio Estadual do Ceará – o Liceu. O Liceu era parâmetro de referência para as outras escolas do Ceará. E além de escola-modelo, num primeiro momento, funcionava como uma espécie de inspetoria das demais instituições de ensino da província, numa tentativa de padronização e desenvolvimento de um ensino exemplar proposto pelo governo do estado. E esse papel de inspeção era regulamentado pelo Art. 11 da lei nº 304, que tinha como obrigação apresentar um relatório todos os anos sobre as aulas públicas do Estado à assembleia provincial. Nesse documento deveria conter um “[...] mappa, por comarcas, municípios, povoações e freguesias do numero de alunos, filiação, idade, sexo, condição, aproveitamento, e quaisquer observações que tendão ao melhoramento do ensino publico”<sup>5</sup>.

Toda imponência desse empreendimento se dava pelo fato de que o Liceu do Ceará seria a 4ª escola de nível e excelência instalada no Brasil. E essa excelência era vista tanto em sua grade curricular, composta pelas cadeiras de “[...] filosofia racional e moral; rhetorica e poetica; arithmetica; geometria, trigonometria; geografia, e historia, latim, francez e inglez”<sup>6</sup>, quanto na escolha e competências necessárias para fazer parte de seu corpo docente e discente já que deveria manter as mesmas especificações do sistema educacional do Colégio Pedro II.

O liceu do Ceará é o quarto mais antigo estabelecimento de ensino do país, com precisamente 151 anos de existência (1996), porquanto criado pela Lei nº 304, de 15 de julho de 1845, e instalado oficialmente no dia 19 de outubro de 1845. Seu primeiro diretor foi o Dr. Tomaz Pompeu, em cuja residência, na esquina das ruas Senador Pompeu e Guilherme Rocha, ocorreram as primeiras reuniões de sua Congregação. Com apenas seis anos de existência, em 1851, o Liceu – cuja grafia, à época, era Lyceu- foi alvo de inspeção federal, a cargo, nada mais nada menos, de uma das glórias das letras brasileiras, o poeta Gonçalves Dias. Em seu relatório, Gonçalves Dias considerou o Liceu “um dos primeiros do Império, por sua organização e regime de ensino”.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> VITOR, Hugo. O Liceu em cem anos. Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945. p. 8

<sup>6</sup> De acordo com a Lei nº 304, aprovada em 15 de julho de 1844, pela Assembleia Provincial do Ceará, estas eram as disciplinas que deveriam ser ofertadas pelo Liceu. Cf. VITOR, Hugo. O Liceu em Cem Anos. Fortaleza, Tipografia Iracema, Ceará, 1945. Porém, conforme consta no Relatório da Instrução Pública e Particular da Província do Ceará – 1855 não foram lecionadas, na primeira década de funcionamento, as cadeiras de trigonometria e nem aritmética. Cf. MAGALHÃES JUNIOR, A. G., SILVA NETA, M. L., PAULA, K. B., FREIRE, V. C. C. *O Liceu do Ceará: o retrato das práticas avaliativas*. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação: Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013, Cuiabá - Mato Grosso. VI Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013.

<sup>7</sup> GIRÃO, Blanchardt. O liceu e o bonde na paisagem sentimental de Fortaleza-província. Fortaleza: Editora ABC, 1997. p. 11.



O Liceu do Ceará desde seus primeiros anos de funcionamento foi contemplado como melhor instituição de ensino do Estado. Vários nomes de relevo que fazem parte da História oficial do Ceará e do país passaram pelos bancos escolares desta instituição. Entre estes muitos sujeitos estão: Farias Brito<sup>8</sup>, Clóvis Beviláqua<sup>9</sup>, Gustavo Barroso<sup>10</sup>, etc. As primeiras aulas do Liceu aconteceram na residência de seu primeiro diretor, o Dr. Tomaz Pompeu<sup>11</sup>, localizada entre as Ruas Senador Pompeu e Guilherme Rocha. Vários prédios públicos e particulares de Fortaleza abrigaram o Liceu, enquanto este não possuía uma sede própria, entre estes estavam a Santa Casa e o antigo Quartel da Força Policial<sup>12</sup>. No ano 1894, no governo de José Freire Bezerril Fontenele, teve sede própria inaugurada a 15 de março, na Praça dos Voluntários. Nos contornos de Gustavo Barroso, um de seus ilustres discentes, podemos visualizar uma imagem (Figura 1) do prédio localizado na Praça dos Voluntários. Porém, foi somente em 1937 que o Liceu mudou-se para um edifício novo mandado construir na Praça Fernandes Vieira<sup>13</sup>.

---

<sup>8</sup> Raimundo de Farias Brito, nasceu em 1862, em São Benedito/Ce. cursou o secundário no Liceu do Ceará, Formou-se em direito na Faculdade de Direito do Recife, onde foi aluno de Tobias Barreto, obtendo o título de Bacharel em 1884. Ocupou cargos oficiais no Governo do Estado do Ceará. Tornou-se um dos grandes intelectuais brasileiros. Em 1917, falece na cidade do Rio de Janeiro. Cf. FILIZONA NETO, J. FARIAS BRITO, UM FILÓSOFO BRASILEIRO: vida, pensamento e crítica historiográfica. Tese (Doutorado) defendida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE., 2008. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3137/1/2008\\_Tese\\_JFilizola%20Neto.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3137/1/2008_Tese_JFilizola%20Neto.pdf)

<sup>9</sup> Clóvis Beviláqua nasceu em 4 de outubro de 1859, em Viçosa (CE), filho do deputado provincial José Beviláqua. Formou-se em 1882, na Faculdade de Direito de Recife, desempenhou vários cargos públicos. Em 1891, foi eleito para fazer parte da Assembleia Constituinte do Estado do Ceará. Em 1899, foi convidado por Epiácio Pessoa para preparar o projeto do Código Civil Brasileiro, sendo até hoje reconhecido como renovador da doutrina jurídica do país. Morreu em 1944, na cidade do Rio de Janeiro. Cf. [www.e-biografias.net/clovis\\_bevilaqua](http://www.e-biografias.net/clovis_bevilaqua) último acesso em: 22.02.2016.

<sup>10</sup> Gustavo Dodt Barroso nasceu em Fortaleza, em 1888. cursou o secundário no Liceu do Ceará e formou-se em direito pela Faculdade de Direito de Fortaleza, em 1907. Autor de vasta obra literária, com mais de 120 livros, dedicou um espaço para escrever sobre sua experiência estudantil no Liceu do Ceará, no livro de mesmo nome, publicado em 1941. Foi redator de alguns periódicos, (1908-1909, Jornal do Ceará e 1911-1913, Jornal do Commercio). A partir de 1922 foi diretor do Museu Histórico Nacional. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1959. Cf. [www.cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVArgas1/biografias/gustavo\\_barroso](http://www.cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVArgas1/biografias/gustavo_barroso)

<sup>11</sup> Tomás Pompeu de Sousa Brasil, o Senador Pompeu, nasceu em Santa Quitéria, no dia 6 de junho de 1818. Faleceu em Fortaleza, no dia 2 de setembro de 1877) foi um político e maçom brasileiro. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife e no Seminário de Olinda. Foi um dos fundadores do Liceu do Ceará e seu primeiro diretor, entre 1845 e 1849, professor de Geografia e História. Biografia completa disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s\\_Pompeu\\_de\\_Sousa\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_Pompeu_de_Sousa_Brasil) Último acesso: 10/06/2016.

<sup>12</sup> VITOR, Hugo. O Liceu em cem anos. Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945.

<sup>13</sup> Em 16 de dezembro de 1980, na gestão do prefeito Manuel Cordeiro Neto, a Praça Fernandes Vieira passou a se chamar de Praça Gustavo Barroso, em homenagem ao ilustre literato que fez parte do corpo discente do Colégio Liceu do Ceará.

**Figura 1:** Edifício do Liceu do Ceará. Fachada sobre a Praça dos Voluntários, desenho de Gustavo Barroso.



**Fonte:** BARROSO, Gustavo. Liceu do Ceará. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 2000, p.23.

Nessas poucas linhas retornamos a primeira metade do século XIX, para apresentar um histórico da fundação do Colégio Estadual do Ceará. Agora voltemos à década de 1930 para perscrutar a criação do Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC), assim, poderemos compreender como foi pensada e organizada essa agremiação estudantil que teve grande contribuição para a consolidação do Movimento Estudantil cearense.

## **2 A FUNDAÇÃO DO CENTRO LICEAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

Em 21 de abril de 1935, foi fundado o Centro Liceal de Educação e Cultura, a entidade foi pensada e organizada por estudantes anteriormente ligados ao Centro Liceal de Estudos, agremiação que tinha, principalmente, fins literários, porém não somente, como já citamos alguns parágrafos acima. Como toda entidade estudantil, daquele período, o CLEC tinha como um dos seus principais objetivos promover o “[...] alevantamento social dos alunos



do Colégio Estadual do Ceará” e a luta pela defesa “intransigentemente de seus direitos”, ou seja, sua finalidade era ser mais um suporte para o desenvolvimento moral, intelectual e cívico dos liceístas. Mesmo com sua fundação na década de 1930, seu regimento, na forma de Carta Magna, só foi discutido em 1955 e aprovado em assembleia no ano seguinte, durante a gestão de José Tarcísio Rodrigues Pinheiro. Destarte, como o Centro Estudantil, o CLEC teve seu regimento publicado em Diário Oficial do Estado<sup>14</sup> tendo, também, registro no cartório do tabelião Dr. Carlôto Pergentino Maia. A agremiação era composta por sócios efetivos e sócios honorários, assim, não ficando restrito apenas aos discentes do Liceu, mas entendendo como integrante da agremiação “[...] pessoas que prestam relevantes serviços à sociedade”, sendo estes eleitos através de assembleia geral, formada por membros da entidade. Por isso, não foi à toa que o coletivo estudantil foi tomado como de utilidade pública, em 1956, por meio da Lei estadual Nº 3.362, de 3 de outubro, esta assinada pelo então governador Paulo Sarasate. Esses reconhecimentos dos órgãos públicos às entidades estudantis foram de extrema importância para o status que estes estudantes pretendiam conseguir, não somente uma posição de *status quo*, mas por que foi através desses singelos atos de legitimidade que o movimento estudantil requisitou seu lugar e voz política na sociedade e angariou recursos públicos para as entidades.

Para entendermos como se davam as ações empreendidas pelo CLEC, no cotidiano escolar fortalezense, analisaremos, a partir de agora, como se organizou a entidade, seu funcionamento e quem integrava seus departamentos. E, assim, poderemos traçar sua atuação na cidade. Para essa análise vamos nos utilizar como fonte, primeiramente, o documento que regulamentava a entidade e suas funções, a Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura.

A Carta Magna do CLEC, documento que vai reger institucionalmente a agremiação, está disposta em sete capítulos, cada qual prevendo as funções e deliberando as atividades de cada integrante e departamento. No tocante as suas finalidades, o CLEC, deveria impreterivelmente colaborar e apoiar qualquer iniciativa do corpo discente do Colégio Estadual do Ceará. Para além desse fito, o centro deveria proporcionar aos estudantes do Liceu

---

<sup>14</sup> Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.



“[...] conferências cívicas, culturais ou científicas, encetando movimentos literários e artísticos, internamente, ou de âmbito inter-colegial”<sup>15</sup>.

- c) Promover ou participar de jogos, torneios e campeonatos esportivos;
- d) Realizar intercâmbios de caracteres diversos com entidades congêneres;
- e) Comemorar datas importantes, notadamente os feitos pátrios;
- f) Auxiliar a direção do Colégio, particularmente, nas paradas cívicas;
- g) Tomar parte em congressos estudantis e neles defender os direitos da classe liceal, sem ônus para o tesouro Clequista, quando desses conclaves se realizarem fora da cidade sede do Centro.  
§ 1º - Quando se fizer necessário representar o corpo discente do Colégio em congressos estudantis, compor-se-á representação de membros do Centro Liceal, escolhidos pela Diretoria.  
§ 2º - O presidente em exercício do CLEC, preferencialmente, participará da delegação representativa da entidade.  
§ 3º - A escolha da delegação é passível de recurso ao Conselho Superior, quando, nos termos desta Constituição, se considere algum de seus membros sem condições para êsse fim.
- h) Em consonância com a Diretoria do Colégio e o Governo do Estado, dispensar assistência médica-sanitária aos que integram o quadro de sócios efetivos.<sup>16</sup>

Conforme os fins descritos pelo documento podemos observar uma certa preocupação nas questões que envolviam a representação dos discentes do Liceu nos mais variados congressos estudantis. Entendemos essa atenção como a disputa por espaços de discussões acerca da categoria em meio a seus pares. Outro cuidado dispendido pela agremiação era a formação cultural e científica na proposta de promover as tais “conferências cívicas, culturais e científicas”, fortalecendo o objetivo de “alevramento social” dos liceístas.

Não podemos esquecer também do caráter assistencial que estas entidades estudantis desenvolviam, pois como fica exposto no item “h” do documento, o CLEC em consenso com o Governo do Estado e a Diretoria da escola devem oferecer aos sócios efetivos serviços médicos-sanitários. Dito de outro modo, a agremiação tomava pra si, sem esquecer das obrigações das outras instâncias públicas, a responsabilidade de oferecer subsídios de saúde aos estudantes-membros.

Assim como acontecia no Centro Estudantal Cearense, para fazer parte dos associados do CLEC eram necessárias algumas especificações, uma delas era ser estudante matriculado no Colégio Estadual do Ceará (Liceu). Ressaltamos uma informação contida nos arts. 26 e 28, do capítulo concernente aos sócios, seus direitos, deveres e penalidades, quando

<sup>15</sup> Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.

<sup>16</sup> Art. 3º da Carta Magna, do Centro Liceal de Educação e Cultura – sobre as finalidades do CLEC.



se fala sobre os sócios efetivos e discrimina que estes deveriam ser estudantes do Liceu, há destaque para a ala feminina. O artigo é descrito dessa forma: “Art. 26 – São considerados sócios efetivos os discentes do Colégio Estadual do Ceará, inclusive a ala feminina”. Com uma análise superficial da norma poderíamos tratar esse realce como um meio de exclusão que inclui, pois se todos os estudantes do Liceu eram considerados membros efetivos, porque distinguir as moças como um grupo a parte? Esta exclusão não tinha caráter separatista, pois havia um departamento denominado feminino e, quando analisamos as publicações estudantis do CLEC vamos encontrar impressos produzidos por sua Ala Feminina. Nesse impresso descobrimos escritos sobre política, educação, juventude entre outros<sup>17</sup>.

Ainda no contexto de quem poderia fazer parte do quadro de sócios do CLEC, encontramos a distinção entre os sócios efetivos e honorários. Já falamos quem podia candidatar-se para a *classe social*<sup>18</sup> dos efetivos, agora ressaltaremos os honorários. Estes são estabelecidos pelo artigo 27, que descreve o sócio honorário como aquele indivíduo, reconhecido em Assembleia Geral, que prestara serviços relevantes à sociedade.

Os sócios efetivos, poderiam disfrutar de todas as regalias oferecidas pelo CLEC, além de:

- [...] b) Votar e ser votado;
- c) Assistir às sessões, tendo direito à palavra, não podendo deliberar;
- d) Recorrer ao CLEC, para solucionar seus problemas ligados à vida estudantil;
- e) Tomar parte nas reuniões sócio-culturais, esportivas e de outra natureza;
- f) Comparecer às Assembleias Gerais, obedecendo ao que consta no art. 6º, § único, capítulo II;
- g) Apresentar ao CLEC sugestões que contribuam para o progresso da sociedade;
- h) Utilizar-se do material existente, para treinos esportivos e outros divertimentos, de acordo com as exigências dos Departamentos responsáveis;
- i) Quando se julgar prejudicado em seus direitos, por desmandos da Diretoria, recorrer ao Conselho Superior e à Assembleia Geral.<sup>19</sup>

Quando comparamos os direitos dos sócios efetivos do CLEC com os do Centro Estudantal observamos que o primeiro dá mais possibilidades de ir contra as deliberações da diretoria da entidade do que o segundo. Lembremos que um dos deveres dos sócios efetivos do CEC é “[...] acatar as deliberações da Diretoria e comparecer sempre que possível as

<sup>17</sup> Trabalharemos com este documento no capítulo dois, onde analisaremos os impressos produzidos pelos estudantes das agremiações escolhidas para esta pesquisa.

<sup>18</sup> O Termo *Classe social* é colocado no artigo como categoria dos estudantes, ou seja, os sócios honorários e efetivos estavam incluídos nesse termo genérico classe social. *Art. 25 – São duas as Classes sociais: a) Sócios Efetivos; b) Sócios Honorários.* (Art. 25 da Carta Magna, do Centro Liceal de Educação e Cultura – Dos sócios, seus direitos, deveres e penalidades).

<sup>19</sup> Carta Magna, do Centro Liceal de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.





sessões ordinárias, extraordinárias e solenes”. Nos dois casos os membros efetivos devem contribuir financeiramente com um determinado valor estabelecido pelo documento para despesas da entidade, no caso específico do CLEC, o liceístas deveria pagar a taxa de Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros) no ato da matrícula. No restante dos itens que ditam suas demais responsabilidades estão o auxílio nos projetos propostos pela diretoria, velar pela dignidade de suas ações enquanto estudantes, cumprir os estatutos e principalmente, “[...] dar conhecimento às diretorias do CLEC e do Colégio Estadual de ocorridos que comprometam o nome do estabelecimento ou da entidade, defendendo a tradição e conceitos dos mesmos”.<sup>20</sup>

Já no tocante as penalidades, também atinamos para semelhanças. Uma delas é o debate político-partidário. Nas entidades estudadas é fixado nos estatutos com falta, que prevê punição, levar para dentro da agremiação discussões dessa natureza. Outros desacertos são mencionados como as questões recorrentes de incorreção nos comportamentos, trazendo ao estabelecimento de ensino ou a entidade o comprometimento da dignidade.

Logo após o capítulo dos sócios vem a divisão dos departamentos que vão dar funcionalidade ao CLEC. Estes, divididos em seis, vão estar somente dispostos no texto, pois as atribuições de cada um estão descritas no regimento interno, documento que não tivemos informação. Porém podemos tentar visualizar por meio de sua nomenclatura suas possíveis designações. São eles: o departamento artístico, cultural, esportivo, feminino, publicitário e de relações públicas.

A atuação do Centro Liceal de Educação e Cultura em Fortaleza é lembrada por alguns ex-liceístas e estudantes de outras instituições de ensino do estado como a base que sustentava o ME cearense. Em algumas entrevistas colhidas por Bráulio Ramalho, para o desenvolvimento de sua dissertação, vários atores afirmaram a importância do CLEC como um exemplo de mobilização.

O CLEC sempre teve uma atuação destacada. E, praticamente comandava o movimento estudantil em Fortaleza. Até mesmo com intensidade maior do que a política realizada na Universidade. O CLEC era quem mobilizava a cidade em termos de manifestações políticas. Não apenas as que eram de interesse direto dos estudantes, como por exemplo aumento da passagem de ônibus e outras coisas dessa espécie, pela própria qualidade do ensino público, pela ampliação do número de vagas para estudantes, mas os problemas também de ordem política institucional eram discutidos e eram atacados pelo pessoal do Liceu.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Carta Magna do Centro Liceal de Educação e Cultura. In.: Diário Oficial do Estado do Ceará – nº 6586, pgs. 11-14, de 17/05/1956.

<sup>21</sup> Trecho da entrevista de Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros, concedida a Bráulio Ramalho em 28/05/1995.



Os alunos do Liceu, tendo à frente sua entidade Representativa, vão ser referência aos demais estudantes de Fortaleza. Muitos são os exemplos das ações perpetuadas pelos alunos do Liceu como no caso, rememorado por Blanchard Girão (1997), chamado de “Guerra com os Deputados”, evento ocorrido na década de 1940. Nessa ocasião os deputados levaram para votação na Assembleia um aumento para seus subsídios.

O Liceu figurava como um dos principais instrumentos de pressão da sociedade em quase todos os movimentos que agitavam a cidade. [...] Costume muito antigo estava na ordem do dia dos senhores deputados estaduais: aumento de seus próprios subsídios. A imprensa criticou, como sempre, a iniciativa dos parlamentares. O episódio teria ficado restrito ao plenário da Assembleia e às páginas, pouco lidas, dos jornais, não fora a ação rápida, enérgica e barulhenta dos liceístas.

A Assembleia funcionava no edifício onde atualmente está o Museu Histórico, bem no centro de Fortaleza, a pouco mais de uma quadra da Praça do Ferreira. E esse detalhe tem sua relevância, porquanto facilitava o acesso do povo à Casa Legislativa. Anunciada a data da votação do aumento, a turma do Liceu organizou o protesto. Dezena, talvez mais de uma centena de aluno, partiu do colégio para a Assembleia e tomou conta, literalmente, das galerias<sup>22</sup>.

A confusão tomou conta da sessão, mesmo a pauta do aumento não tendo sido tocada, além da invasão ao prédio da Assembleia um estudante do liceu toma parte da fala de um parlamentar, sobre desvios de verbas dos flagelados, devolvendo aos gritos a ofensa proferida pelo deputado: “Ladrões são vocês deputados, que estão aumentando os subsídios às escondidas. Ladrões do Povo!”

No calor do momento houve enfrentamento entre a comissão de segurança organizada pelos estudantes e os policiais que foram chamados para evacuar as galerias da Assembleia.

Quando os soldados tentaram subir para as “torrinhas” foram recebidos a violentos pontapés. Dois caíram de imediato, ante o espanto dos demais. Foi muito espancada. Somente depois de muito tempo e muita luta, com a chegada de grande reforço policial, os liceístas são retirados do prédio da Assembleia, saindo em passeata pelas ruas aos gritos de “Deputados ladrões! Deputados Ladrões!”<sup>23</sup>

Diante do alvoroço causado pelos alunos do Liceu, o restante da população pôde tomar conhecimento dos acontecidos na Assembleia já que a imprensa deu repercussão ao caso. Assim, o propósito dos deputados foi deixado de lado, por um tempo, já que depois eles deram um jeito da pauta ser votada novamente. Entre pancadas e pontapés os liceístas

<sup>22</sup> GIRÃO, Blanchardt. O liceu e o bonde na paisagem sentimental de Fortaleza-província. Fortaleza: Editora ABC, 1997. p. 194

<sup>23</sup> Ibidem.



tomaram para si bandeiras da sociedade em geral, não restringindo sua atuação aos interesses da categoria.

Este é apenas um dos momentos em que os estudantes do Liceu demonstraram sua força com relação à política do Estado, como diz Girão (1997), os liceístas estavam “[...] à frente das agitações sociais, levantando as palavras-de-ordem mais atualizadas e vibrantes”. Muitas das lideranças políticas, que mais tarde, vão ser contra ao golpe civil-militar de 1964 vão sair dos bancos do Liceu, um deles é o jornalista Blanchard Girão que teve seu mandato como deputado estadual cassado.

Retomando um dos objetivos defendidos pelo Centro Liceal, de proporcionar aos estudantes um aperfeiçoamento cultural, encontramos o incentivo para a escrita estudantil, dando espaço aos alunos que tinham tendência a escrita, publicarem seus textos em jornais e revistas da entidade. As publicações apoiadas, também, pela diretoria do Colégio Estadual, como a revista *A Idéia*, órgão oficial do CLEC e que tinha periodicidade anual, recebia das mais variadas contribuições estudantis em suas páginas. Além de fomentar as letras o Centro Liceal, por meio do departamento artístico, promovia sessões lítero-musicais para os alunos que tivessem inclinações voltadas à música. Tendo o colégio estadual uma banda, chamada de Bando Liceal, que dominava as serestas articuladas pelo grêmio estudantil.

Ídolos da mocidade liceista eram também aqueles que ganhavam projeção na música, como o saudoso Jack Schaumann – médico falecido há alguns anos – violonista de méritos, e um dos integrantes do “Bando Liceal”, tradição da cidade, renovando-se os seus componentes, mas sempre mantendo elevada performance artística. Naquele período, além de Schaumann, o “Bando Liceal” contava ainda com o Néó – sempre o Néó- que era o seu vocalista – o simpático Poty, pandeirista, um Pamplona, cujo primeiro nome me escapa e outros. Detalhe interessante: do “Bando Liceal” brotaram outros conjuntos vocais que se celebrizaram a nível local e nacional, como “Quatro Azes e um Coringa”, sucesso enorme nos anos 40 em todo Brasil e no exterior. Os irmãos Pontes de Medeiros, o Pijuca (Esdras Falcão), o Melé (André Vieira) compunham os “Quatro Azes”, que outro não era senão o antigo “Bando Liceal”, com pequenas modificações<sup>24</sup>.

Defronte a tantos projetos culturais, engajamento nas questões sociais e atividades referentes aos interesses estudantis, o CLEC detinha prestígio entre o meio estudantil cearense. Os liceístas eram tidos como, já citado, referência do *ser estudante*, na Fortaleza das décadas de 1940-50. E, muitos estudantes achavam-se honrados em fazer parte desse grupo

---

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 148



escolar. Como afirma Blanchard Girão: “Por tudo isso, ser liceista proporcionava um forte sentimento de brio, de prestígio perante o meio estudantil e a sociedade em geral”<sup>25</sup>.

O CLEC, assim como os demais grupos estudantis foi responsável por diversas intervenções na vida cotidiana da cidade de Fortaleza. Acima citamos seu envolvimento com a política local, mas entre as campanhas que participavam os estudantes cearenses observamos na matéria do jornal *Unitário*, de 12 de junho de 1955, os líderes estudantis unindo forças com os *Diários Associados* para a realização de eventos que possam contribuir para a construção de uma maternidade popular. Na leitura do texto observamos o apelo para que outras entidades e unidades escolares se juntem em prol desse empreendimento social. Na chamada é dito que os estudantes estão deixando de comprar merenda para arrecadar subsídios para a campanha.

A CAMPANHA DA MATERNIDADE POPULAR EMPOLGA OS ESTUDANTES DE TODOS OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO Alunos deixam de comprar sua merenda para colaborar com a filantrópica campanha. [...] CAMPANHA Nas referidas reuniões ficou acertado que os colégios, faculdades, escolas e grupos desenvolveriam a campanha a seu modo arrecadando dinheiro entre os alunos, promovendo festivais e concursos. O total arrecadado deverá ser entregue nos “Diários Associados” o que poderá ser feito até dia 28 de agosto. TAÇAS AOS PRIMEIROS LUGARES A União Estadual dos Estudantes dará uma taça á Faculdade com mais dinheiro. Ao colégio que mais se sobressair, o Centro Estudantal Cearense dará uma taça, e medalhas de honra ao mérito sendo distribuídas também pelo Centro Liceal de Educação e Cultura [...].<sup>26</sup>

No trecho acima podemos observar que os estudantes foram deixados livres para escolher quais métodos usar para conseguir uma maior quantidade de dinheiro e, para além dos prêmios simbólicos (taças e medalhas de honra ao mérito), que seriam entregues aos primeiros lugares por suas entidades representativas, a matéria visa muito mais do que a campanha em si, já que mostra e enfatiza a união dos estudantes cearenses em torno de uma luta que não perpassa, tão diretamente, a categoria e sim, ao bem comum.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos tecer a trajetória de fundação do Centro Liceal de Educação e Cultura (CLEC), entidade estudantil de grande importância para o movimento estudantil cearense. Desde sua fundação, ainda na primeira metade da década de 1930, até meados da década de 1960, o CLEC foi responsável por grandes movimentações estudantis,

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 149

<sup>26</sup> UNITÁRIO, 12 de junho de 1955. p. 2.



na cidade de Fortaleza, como as campanhas em favor da Petrobrás, os apoios às greves em prol da baixa das passagens, num primeiro momento dos bondes e, depois, nos ônibus etc.

Através da análise de sua Carta Magna, documento regente da entidade, podemos observar as propostas e objetivos que eram defendidos por aqueles estudantes. Principalmente, podemos identificar as inquietações, de cunho mais específico com a classe ou em âmbito mais geral, que permeavam as cabeças daquele grupo estudantil, como a preocupação com a formação intelectual, social e civil dos estudantes e, mais amplamente, com os problemas políticos e sociais pelos quais o Brasil, e mais especificamente, o Ceará, estavam passando durante o período de vida dessa entidade.

É importante notar, também, que as ações empreendidas pela agremiação contam com a intensa participação dos demais discentes cearenses, visto que o CLEC era apenas uma entidade escolar, ou seja, ligada a uma unidade de ensino. Essa grande adesão às atividades realizadas pelo CLEC se dava por conta da participação de seus membros diretores em outras agremiações de maior porte, como por exemplo, o Centro Estudantil Cearense, que figurou, por mais de 30 anos, como sendo o principal representante do Movimento Estudantil do Estado.

Assim, ao estudarmos a formação dos grupos e entidades estudantis e a ocupação do espaço cearense, neste caso específico, sua atuação no cotidiano da cidade de Fortaleza, se faz necessário para um maior entendimento sobre a construção e fortalecimento do Movimento Estudantil no estado do Ceará. Buscamos, também, problematizar a atu(ação) desses estudantes, além da formação de grêmios literários, na cena política e cultural do país, muito antes da criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), que só foi fundada em 1937.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. **Liceu do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 2000.

GIRÃO, Blanchardt. **O liceu e o bonde na paisagem sentimental de Fortaleza-província**. Fortaleza: Editora ABC, 1997.

LOPES, Marciano. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40**. Fortaleza: Tipogresso, 1988.

FÉRRER, Francisco Adegildo. A educação e a preservação da ordem: a idealização do modelo de cidadão do Brasil pós-30. In: **Revista do Instituto do Ceará - ANNO CXX - ANNO 2006**. P. 197 – 213. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev->



[apresentacao/RevPorAno/2006/01\\_Artigos/12-Aeducacaoepreservacao.pdf](#) Último acesso: 10/06/2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Carlos Renato Araújo. *O antes e o depois – uma história da construção da memória social do quebra-quebra de 1942*. In: **Anais VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História**: ver – sentir – narrar. Universidade Federal do Piauí.

Disponível em:

<<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Carlos%20Renato%20Araujo%20Freire.pdf>> Último acesso: 11/01/2016.

MAIA JUNIOR, Edmilson Alves. **Memórias de luta**: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969). Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. **Juventude da pátria a(R)mada**: o Centro Estudantal Cearense em Fortaleza, 1931-1945. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

MUNIZ, Altemar da Costa. **O Centro Estudantal Cearense e o Estado Novo**. Fortaleza: UECE, Monografia, mimeo, 1996.

NOBRE, F. Silva. **1001 Cearenses Notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará. Editora, 1996.

POERNER, Artur José. **O Poder Jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.

RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. **Foi Assim!:** O Movimento Estudantil no Ceará de 1928 a 1968. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Centro Estudantal Cearense*. In.: **Revista do Instituto do Ceará**, 1998.

VITOR, Hugo. **O Liceu em cem anos**. Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945.